

# Personagens dão sua versão

## Representantes do movimento hip hop aprovam *VinteDez*, mas lamentam tom superficial

Fotos: Rivaldo Gomes

**Nelson Albuquerque**  
Da Redação

Integrantes do movimento hip hop de Santo André ficaram contentes por serem o alvo das lentes dos cineastas Tata Amaral e Francisco César Filho. Mas, não escondem uma certa decepção com o resultado final de *VinteDez*. Esperavam um aprofundamento maior no assunto e lamentam o fato de depoimentos importantes terem ficado fora do documentário.

Se a proposta do filme é somente retratar os jovens grafiteiros, rappers, DJs etc., então, tudo bem. “Pensando assim, a Tata foi muito feliz em fotografar o hip hop de Santo André em 2001”, diz o músico Robson Luiz, 27 anos, vocalista e compositor do grupo Uafro. Ele aparece no vídeo cantando sua composição *Descobrimos Segundo Adal*.

Robson, que também colaborou com a produção ao fornecer uma lista com pessoas

do movimento, reclama da “superficialidade” de *VinteDez*. Afirmar que acrescentaria, por exemplo, a “situação de miséria” na qual vivem os adolescentes responsáveis pela arte da periferia.

“São artistas que não têm dinheiro para pagar o ônibus, mas que estão fazendo rap e falando de revolução. Por que estão fazendo isso? Estão esperando o retorno em dinheiro? São perguntas como essas que não foram respondidas”, diz Robson.

O próprio músico se antecipa e responde. “Eles sabem que não terão retorno imediato ou nunca terão retorno. A idéia é: eu me mantenho vivo, eu deixei a minha mensagem em algum lugar”, afirma.

O grafiteiro Miguel Duque de Souza Júnior, 19, também mostra sua arte no documentário. Ficou satisfeito com sua

participação e diz que nunca deixará de fazer grafite na vida, mas sua intenção no momento é outra. “Quero voltar a estudar e arrumar um emprego fixo”, afirma.

Atualmente, Miguel faz bicos pintando seus desenhos em estabelecimentos comerciais e nem sonha com alguma profissão. “Pode ser montador de peça em uma firma.

Eu só gostaria de ser registrado”, diz.

Miguel tem seu talento reconhecido e, além disso, é irmão de um dos mais importantes grafiteiros do país, o Antônio Duque de Souza Neto, 28, mais conhecido como Tota. “Não cheguei a ensinar muita coisa para o Miguel. Ele corre sozinho, é bem autônomo”, afirma Tota.

O irmão mais novo sabe bem o que o grafite representa para ele. “É

minha segunda voz, pois consigo deixar minha mensagem. Sei também que desenhando não entro em depressão e fico longe da criminalidade”, diz Miguel.

Tota foi entrevistado pela produção do *VinteDez*, mas não está no filme. Ele não fala de sua ausência, mas reclama da falta de gente como Gog, “o poeta do hip hop brasileiro”. “O que o Gog falasse seria lei”. □

**Robson Luiz** adotou meio a contragosto o nome artístico Dio para assinar suas primeiras produções em vídeo

**Para eles, faltou retratar a ‘situação de miséria’ em que vivem**

## Rapper prepara vídeo e dá aulas

Da Redação

■ A câmera está definitivamente na vida do rapper Robson Luiz. Duas participações o motivaram: como entrevistado no documentário *VinteDez*, de Tata Amaral e Francisco César Filho, e como figurante no filme *Carandiru*, de Hector Babenco.

Atualmente cursa a ELCV (Escola Livre de Cinema e Vídeo) de Santo André, dá aula de vídeo na Febem (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor) do Tatuapé e produz seus filmes independentes. “Estou fazendo, em parceria com o videomaker Dani Alves, o vídeo *AMPD – Antes de Morrer Preciso Dizer*”, afirma.

Ele não estava muito afim, mas incentivado por um professor da ELCV, escolheu seu nome artístico de diretor de cinema: Dio. “É uma sigla com as iniciais de três palavras iorubás, que, no fim das

contas, quer dizer que eu escrevo com a perturbação de outras palavras”, diz.

Na Febem, já produziu um pequeno filme (de um minuto). “É bem tosco, mas muito válido porque o roteiro, o storyboard e a filmagem foram feitos pelos meninos”, afirma.

Robson participou das duas edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Foi convidado para falar sobre o Revolucionarte (projeto multicultural que reúne artistas independentes da região) e as experiências na Febem.

NA



**REYNALDO MENDES DE SOUZA**, Especial para o Diário



## O nascimento da big band

Por volta de 1890, a música norte-americana do povo, dos operários e dos construtores das estradas de ferros era chamada *ragtime*, influenciada não apenas pela música clássica européia, mas também pela marcha e pela polka. Continha um novo conceito rítmico como o próprio nome indica: *ragtime* de *ragged time*, ou seja, tempo destruído. Essa música não era de New Orleans, mas sim da Sedália, no estado de Missouri, para onde Scott Joplin se transferiu e se tornou um líder do rag, como pianista e compositor. O rag traduz ou associa a tradição musical européia com o sentido rítmico do negro.

Na década seguinte, graças às diversas correntes migratórias que se instalaram em New Orleans, mesclaram-se diferentes tendências musicais de povos europeus que conviviam diretamente com os negros trazidos da África no tempo da escravidão. E New Orleans era uma cidade alegre, descontraída, onde a música estava sempre presente pelas ruas a qualquer hora do dia ou da noite. Foi considerada o berço do jazz, que externa através dos improvisos e criatividade o estado de espírito do músico naquele momento em que realiza seus solos no instrumento: o importante não é o que tocar, mas sim como fazê-lo.

Durante a Primeira Guerra (1914-1918), o governo norte-americano, considerando

que New Orleans se transformara em porto de guerra, determinou como medida de segurança o fechamento de Storyville, o bairro das diversões e vida noturna desregrada da cidade. Desempregados, centenas de músicos partiram para outras cidades, principalmente para Chicago onde era possível conseguir emprego como músico nos clubes noturnos.

Paradoxalmente, foi em Chicago que o jazz estilo New Orleans alcançou seu apogeu e teve suas primeiras gravações com o surgimento do gramofone. No afã de imitar aquela música de New Orleans, jovens e músicos cometiam imperfeições ou simplificações dando ênfase ao toque individual, ao solo. Aflorava o “estilo Chicago”, cujo principal representante foi o trompetista Bix Beiderbeck. Era o jazz dos anos 20.

Por volta de 1924 e 1925 apresentou-se em Nova York, mais precisamente na orquestra de Fletcher Henderson, o músico Louis Armstrong exibindo capacidade e criatividade inusitadas, a ponto de impressionar sobremaneira os músicos da época e em especial os arranjadores que ainda eram poucos. Fletcher Henderson, pianista e bandleader, homem de certa cultura, contava em sua orquestra com o saxofonista-arranjador de nome Donald Matthew Redman, conhecido por Don



Divulgação

**Don Redman** à frente de sua própria orquestra, em 1934

Redman, que sentiu ser aquele o momento para alterar a estrutura das orquestras de jazz que soavam de modo cansativo e repetitivo. Musicalmente alicerçado na antifonia do canto africano tradicional, como em um diálogo com sucessivas perguntas e respostas, Redman organizou a nova orquestra de jazz, que dominaria o cenário musical dos anos 30 a 40.

Redman reuniu os instrumentos afins e os agrupou em naipes ou conjuntos. Os metais foram integrados em dois naipes distintos: o dos trompetes e

o dos trombones, enquanto que as palhetas – saxofones e clarineta – foram agrupados em um terceiro naipe de instrumentos. Considerando a sonoridade dos instrumentos, o trabalho da orquestra deveria ter ligeiros degraus, de modo que os trompetes ficassem mais fundo, os trombones ligeiramente abaixo e mais à frente, as palhetas. Com um trompete e um sax-alto líderes mais uma seção rítmica que pulsava, os naipes se opunham uns aos outros soando perguntas e respostas de efeito empolgante. Nascia a big

## Praça do Choro

■ A pianista Rosária Gatti é o destaque da programação de hoje da Praça do Choro, em São Paulo. O evento da Secretaria de Estado da Cultura tem entrada franca e leva semanalmente artistas à praça Júlio Prestes (acesso pela estação de trem da Luz), sempre das 14h às 17h. Rosária Gatti se apresenta com o grupo Nosso Choro e deve interpretar obras de compositores consagrados como Chiquinha Gonzaga, Zequinha de Abreu e Ernesto Nazareth. Antes de Rosária, sobe ao palco o grupo Choro de Varanda, seguido do flautista Carlos Poyares. Premiado com o *Fet de La Musique*, em Paris, em 1994, Poyares foi um dos fundadores da antiga Rua do Choro (na João Moura) e possui em seu currículo gravações com ar-